

Comunicação comunitária: dos fundamentos à práxis de movimentos sociais no Acre¹

Juliana Lofego²
Amanda de Sousa da Silva³
Bruno Flangini⁴
Iza Bruna Santiago Lima⁵
Aline Vitoria Gomes Soares⁶
Universidade Federal do Acre - Ufac

RESUMO

Este trabalho foi produzido durante a disciplina de Comunicação Comunitária do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac), com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre as bases teóricas, históricas e experiências de comunicação comunitária, visando embasar debates críticos sobre o campo e explorar práticas em comunidades locais. Com base nos fundamentos teóricos da comunicação comunitária e nas influências de Paulo Freire trazidos por Peruzzo (2024), busca a reflexão sobre a importância da comunicação enquanto um direito humano, um instrumento de resistência, emancipação e de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; emancipação; movimentos sociais

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de um trabalho coletivo produzido na disciplina de Comunicação Comunitária do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Acre (Ufac), ministrada pela professora Juliana Lofego, que teve como objetivo aprofundar conhecimentos sobre as bases teóricas, históricas e experiências de comunicação comunitária, de modo a embasar debates críticos sobre o campo e explorar atuações profissionais em comunidades locais.

O referencial teórico foi sustentado, principalmente, pela leitura do livro Fundamentos Teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, de Cicília M. Krohling Peruzzo (2024). A partir das discussões e reflexões sobre comunicação comunitária junto aos movimentos sociais, buscamos entrevistar representantes de grupos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - Ufac, email: juliana.lofego@ufac.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufac, email: sousa.amanda@sou.ufac.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufac, email: bruno.flangini@sou.ufac.br

⁵ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufac, email: iza.bruna@sou.ufac.br

⁶ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufac, email: soares.aline@sou.ufac.br

e coletivos de Rio Branco (Acre) para entender como as práticas de comunicação comunitária vêm sendo realizadas atualmente, frente às mudanças proporcionadas pelas tecnologias digitais, observando aspectos históricos e bases teóricas que as fundamentam.

A disciplina contribuiu para a reflexão sobre a importância da comunicação enquanto um direito humano, um instrumento de resistência e de transformação social. Os aprendizados com as leituras, discussões e conversas realizadas mostraram o poder que a comunicação comunitária teve - e ainda tem - de transformar a realidade a partir da escuta, do compromisso com o coletivo e da ação política.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Comunicação comunitária é uma subárea do campo da Comunicação que tem matrizes teóricas e epistemológicas que visam o fortalecimento de sujeitos historicamente marginalizados e o exercício da cidadania. Associada a disciplinas curriculares em cursos de Jornalismo, esta categoria abrangente comporta diferentes denominações – como comunicação popular, alternativa, participativa, dialógica, horizontal, educativa, jornalismo popular, mídia independente, entre outras... – que se associam a um fenômeno comunicacional com especificidades. Corresponde a um conjunto de iniciativas que ocorrem no âmbito dos setores organizados das classes subalternizadas, sejam movimentos sociais populares, associações comunitárias ou demais articulações cívicas que lutam por transformação social.

realiza-se no contexto mais amplo de mobilização social com vistas a reivindicar direitos tanto os relacionados às condições básicas de existência quanto às questões de acesso à terra, de direitos trabalhistas, respeito ao meio ambiente, direitos humanos e à participação política. (Peruzzo, 2024, p. 51).

Cicília Peruzzo (2024, p.51) faz algumas diferenciações entre os conceitos comunicação popular, comunitária e alternativa, mas os caracteriza por serem protagonizados pelos próprios movimentos de resistência, voltados a um contexto da comunidade, baseados na participação ativa, no fortalecimento de vínculos sociais e na valorização dos saberes locais com uma intencionalidade política explícita, confrontando os discursos dominantes e as estruturas de poder instituídas.

Os processos comunicacionais construídos por comunidades e movimentos sociais são contrapostos ao modelo hegemônico da grande mídia, que tende a concentrar poder e silenciar vozes diferentes. Para Peruzzo (2024), a comunicação deve ser entendida

como uma prática social profundamente vinculada às relações de poder, cultura e transformação.

Ao tratar das influências de Paulo Freire na comunicação popular e comunitária, Cicília Peruzzo traz ideias-força pensadas no âmbito da Educação, mas nas quais ela identifica um grande poder comunicacional. Cinco categorias teórico filosóficas presentes nas obras e argumentações do autor, mas também interrelacionadas e constituídas na práxis, são destacadas: ser sujeito, conscientização, diálogo, emancipação/libertação e transformação social.

Segundo Peruzzo (2024, p. 58), “a comunicação dialógica proposta por Paulo Freire parte do princípio de que todos sabem algo e todos ignoram algo, sendo o diálogo a via para a construção do conhecimento coletivo”. Essa perspectiva rompe com uma lógica verticalizada da comunicação e inspira práticas horizontalizadas nos movimentos sociais. Neste sentido, o ato de comunicar não é apenas uma transmissão de informação ou de saber unilateral, mas significa interação, troca, reciprocidade e diálogo.

Uma das grandes lições deixadas por Paulo Freire e apropriadas pelos projetos de comunicação popular e comunitária, como nos lembra a autora, é “a conscientização freiriana, que implica na leitura crítica da realidade, é base para a formação de sujeitos comunicadores capazes de intervir no mundo” (Peruzzo, 2024, p. 64).

Um dos conceitos centrais para Freire (2003) é o “ser sujeito”. O ser humano possui a vocação de ser sujeito da própria história, o que demanda a superação da alienação, a ruptura com uma visão ingênua da realidade e o desenvolvimento de uma consciência crítica crescente. A comunicação, nesses moldes, deve permitir que os sujeitos se reconheçam como produtores de conhecimento e agentes da própria história. Os princípios da educação libertadora de Paulo Freire contribuem para uma comunicação emancipadora porque incentivam a capacidade humana de agir, criar e transformar a realidade em favor dos direitos e a da participação democrática.

Ainda segundo Peruzzo (2024, p. 61), “a palavra tem o poder de transformar o mundo, quando é pronunciada de maneira consciente, crítica e vinculada à ação”. A comunicação popular ou comunitária é aquela baseada na transformação social por meio do pensamento crítico, em que o sujeito vê a realidade de outra forma. Essa compreensão fortalece o entendimento de que a comunicação popular não é apenas um instrumento técnico, mas uma prática política e educativa.

No decorrer da leitura do livro de Peruzzo (2024), vale destacar três aspectos relevantes: o levantamento histórico da comunicação nos movimentos sociais, a descrição de algumas experiências práticas de comunicação popular/comunitária – o que nos incentivou a buscar as experiências locais - e uma categorização dos tipos de participação no fazer comunicacional em diferentes contextos, que podem inferir na cidadania.

METODOLOGIA

As atividades da disciplina optativa Comunicação Comunitária foram iniciadas com a leitura do livro de Peruzzo (2024) e de outros livros/artigos referências da disciplina, concomitante à busca de experiências de comunicação de movimentos sociais nas mídias digitais, conforme conceitos e exemplos eram mencionados. Havia uma certa inquietação para conhecer experiências com maior profundidade, além de situar regionalmente alguns aspectos.

Desta forma, a segunda parte da disciplina começou com a elaboração de uma pergunta-norteadora: como os movimentos sociais do Acre têm atuado na comunicação atualmente? Foi feito um levantamento sobre os movimentos sociais atuantes a partir da solicitação de uma lista a pessoas que tem atuação histórica neste campo. Com um compilado de grupos e movimentos sociais locais, foi feita em sala de aula uma escolha intencional buscando certa variedade de frentes de atuação, chegando a um total de 12 grupos selecionados.

Foi construído um roteiro de perguntas para os representantes da comunicação de grupos e entidades locais e divididos entre os alunos da disciplina para a realização de entrevistas. Dos 12 contatos identificados, somente sete responderam, mesmo com explicações e insistências por semanas. Entre as observações dos discentes sobre esta atividade, destaca-se o fato de que a não disponibilidade para responder às perguntas sobre a atuação da comunicação trouxe reflexões sobre a visibilidade da comunicação do próprio movimento social, pois incluíram dificuldades de diálogo com seus representantes e transparência nas práticas.

Entre os grupos e movimentos que responderam às perguntas há atuações de movimentos/grupos feminista-cultural, indígena, extrativista, movimento negro e de proteção à Amazônia. No memorial individual, atividade final da disciplina, buscou-se traçar um paralelo das experiências das entrevistas com conceitos e práticas estudadas no

livro Fundamentos Teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, da autora Cicilia M. Krohling Peruzzo (2024).

ANÁLISE

A experiência ao longo da disciplina trouxe vivências mais próximas aos movimentos sociais locais e a compreensão dessas práticas se enriquece ao dialogar com os fundamentos teóricos apresentados por Peruzzo (2024) e estudados em sala de aula. A partir das entrevistas, foi possível identificar nas práticas elementos significativos do pensamento de Paulo Freire.

A comunicação dos grupos, em geral, se dá por meio de ações planejadas nas redes sociais, assessoria de imprensa e produção de conteúdo com temáticas voltadas à valorização da cultura afro-brasileira, das mulheres, da resistência a preconceitos, da valorização de identidades, por defesa ambiental e de direitos. Alguns grupos, mesmo sem se autointitular como um movimento social, reconhecem a importância de suas ações na luta por cidadania e inclusão no cenário local.

Ficou evidente, através do contato com alguns grupos, a influência de Paulo Freire e da educação libertadora na prática comunicacional. A formação de alguns representantes se reflete no modo como o grupo dialoga com a comunidade local, criando espaços de escuta, acolhimento e construção coletiva de saberes.

Alguns representantes demonstram consciência crítica não apenas em relação às suas próprias comunidades, mas também em relação às realidades enfrentadas por outros grupos e movimentos sociais do Acre. Esse processo está vinculado ao conceito de conscientização de Paulo Freire, que significa “saber ler o mundo” (Freire, 1979 apud Peruzzo, 2024, p. 28). Essa leitura ultrapassa a decodificação de palavras e envolve a interpretação crítica da realidade, permitindo ao sujeito confrontar as estruturas e conjunturas sociais vigentes.

Outro conceito presente nas práticas de comunicação é o diálogo. Segundo Peruzzo (2006), “diálogo é a comunicação entre sujeitos, em condições de igualdade”. Tal princípio pode ser observado na forma como alguns grupos se organizam: ainda que haja figuras de liderança, relata-se um esforço contínuo de escutar e valorizar todas as vozes, incluindo as de crianças, mulheres e idosos, garantindo uma participação coletiva e horizontal.

Entrevistas de movimentos ligados à defesa da Amazônia possibilitaram aprofundar a compreensão sobre a atuação histórica e contemporânea dos movimentos, evidenciando também os princípios freireanos de ser sujeito, conscientização e diálogo. O processo de ampliação e fortalecimento da comunicação demonstra uma trajetória de evolução política e social, sintonizada com a proposta de superação da alienação por meio da ação coletiva.

A comunicação em todos os grupos e movimentos atualmente é feita de maneira digital, por meio de tecnologias acessíveis como WhatsApp e Internet, com a finalidade de conscientização popular da sociedade. Em geral os movimentos entrevistados possuem um portal de notícias, site ou perfil em redes sociais digitais como Instagram/ Facebook, em que divulgam ações, movimentações, mobilizações, notas de solidariedade. Segundo os entrevistados, essa transformação social está sendo alcançada de forma satisfatória.

Nos casos levantados também foram apontadas reuniões presenciais que promovem o acesso à informação e a participação efetiva dos sujeitos envolvidos, de forma que as comunidades recebam e dêem informações, além de palestras e oficinas. A comunicação ainda está sendo o fator de ligação entre as instituições, os governos, a imprensa e a população, buscando dar voz à comunidade e se fazer representar junto aos órgãos públicos, de financiamento ou de divulgação.

Através das respostas recebidas pelos entrevistados, compreende-se que os movimentos sociais utilizam a comunicação como ato de resistência e luta por igualdade social, busca de direitos e cidadania nessas comunidades.

CONCLUSÃO

Os movimentos sociais consultados consideram que a comunicação comunitária é importante para reivindicações de direitos e para a construção de novos entendimentos, muitas vezes a fim de transformar narrativas negativas.

Na escuta dos representantes dos movimentos sociais surgiram questionamentos sobre como tem sido a comunicação para alcançar seus públicos. As redes sociais têm sido amplamente utilizadas por todos os grupos. No entanto, em uma análise coletiva surgiu a reflexão de que a comunicação comunitária precisa ser expandida para fora das plataformas online, pois ainda é necessário ter o contato presencial com os sujeitos para assim construir diálogo, emancipação e transformação social. O estudo entende que ente

equilíbrio entre o presencial e remoto é fundamental para se ter uma comunicação aprofundada e participativa.

Nesse contexto, é possível afirmar que alguns grupos se constituem como espaços vivos de formação política e emancipadora, onde a comunicação não é reduzida a uma ferramenta técnica, mas é compreendida como processo essencial de construção coletiva da cidadania e de fortalecimento da luta social.

Concluimos este trabalho com a convicção de que a comunicação comunitária não é apenas uma prática, mas um modo de olhar o mundo, de construir coletivamente narrativas que resistem, que educam e que libertam.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Fundamentos teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa** [recurso eletrônico]- Vitória, ES: Edufes, 2024. 266 p.

SPENILLO, Giuseppa. Comunicação Comunitária e novas tecnologias – por uma formação profissional em busca da cidadania. In: **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**, Campo Grande /MS, setembro 2001. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116821803492441789618364147096662449211.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2025.

VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação comunitária: trajetórias e inovações. **Revista Uninter de Comunicação**, 2014, vol. 2, n.3, p. 217-232. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/555>. Acesso em: 04 abr. 2025.